A presença portuguesa em um bairro do Rio de Janeiro: A Tijuca.

Luis Azevedo

Resumo.

A pesquisa objetiva compreender a presença da população portuguesa no bairro da Tijuca, espaço localizado na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Neste sentido, frente às correntes migratórias, desenvolve-se na localidade um grande número de atividades profissionais de responsabilidade deste grupo. Assim, relatar uma aparência lusitana percebida na cidade, e exclusivamente no bairro em questão é associar o emigrante a suas marcas e processos desenvolvidos no espaço, portanto, os sinais / símbolos lusitanos são apontados na paisagem e analisados como uma forma de revelar a presença portuguesa.

As marcas estão efetivamente em vários aspectos, tais como os inúmeros fixos reconhecidamente lusitanos. A identidade portuguesa é analisada segundo estas premissas: as marcas no espaço (BERQUE, 1984), as instituições portuguesas, os fixos imbricados no espaço (SANTOS, 2008), imbuídos da qualidade do “ser português” na metrópole carioca. Este sentido de identidade é discutido objetivando a relação estabelecida entre o migrante e o espaço, além da ótica que problematiza tais revelações, diante das dificuldades de tornar visíveis este plano luso na fração urbana. Por fim, a metodologia aplicada consistiu na contínua exploração do espaço elencado e utilização de referências sobre o assunto.

Palavras-chave : presença portuguesa – Rio de Janeiro – identidade – marca.

Reflexões sobre a presença: as marcas no espaço.

Para estabelecer um paralelo e pensar a marca no espaço, sugere-se primeiramente estabelecer uma relação entre paisagem e espaço que futuramente irá possibilitar uma distinção pormenorizada do entendimento de marca e presença para o referido trabalho.

Portanto, Santos (2008) aponta a paisagem através de um conjunto de objetos reais-concretos. Neste sentido, a transtemporalidade da paisagem é tida por congregar objetos do passado e do presente, e justamente nesta união de sentidos o interesse para a presente análise. A junção dos momentos (passado e presente) irá construir uma paisagem, a paisagem tijucana que contém elementos lusitanos. Por sua vez, o espaço é sempre presente e intruso na sociedade representada pelas formas-objetos; assim tais objetos não mudam, isto é, adquirem significados diferentes, significação, adquirem outra função. Tendo em vista o espaço um sistema de valores imutável que se transforma permanentemente, este é o objeto para analisar as marcas da presença portuguesa proposta.

Ainda pensando no espaço como objeto de análise geográfica por excelência, os fixos e fluxos interagindo e expressando a ciência geográfica tornam-se objetos possíveis para um melhor entendimento do espaço e suas implicações. Portanto, refletir neste momento a respeito da presença da imigração portuguesa no bairro em tela, e conseqüentemente, lidar com a presença dos elementos lusos no referido recorte espacial é deter-se integralmente a estes elementos a fim de corroborar tal presença.

Os elementos resgatados e utilizados visam abarcar na sua amplitude as marcas deixadas pelo elemento português no espaço tijucano, interpretar as paisagens que podem ser percebias e que marca lusa confirma esta presença.
Para revelar tais marcas lusitanas encontradas, e de que maneira podemos levá-las a classificação de elementos portugueses, destacam-se direcionamentos abordados, a fim de estabelecer tais ponderações. Estas marcas encontradas na paisagem tijucana são também objetos, e como aponta Santos (2008),

> O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como quadro único no qual a história se dá. [...] Através da presença destes objetos técnicos [...] o espaço é marcado por esses acréscimos, que lhe dão um conteúdo extremamente técnico (p.63).

Mais adiante, em seu texto, o autor menciona “O objeto seria aquilo que o homem utiliza em sua vida cotidiana, ultrapassa o quadro doméstico e, aparecendo como utensílio, também constitui um símbolo, um signo “(SANTOS, 2008, p.66).

> Os símbolos compreendem o entendimento de marca lusitana, já que este elemento tem um signo, um significado especial próprio que o compete a qualidade do “ser português”, em outras palavras, que direcionam seu aspecto, sua origem relacionada ao imigrante português. Neste caso, a presença é também percebida através de símbolos impregnados no espaço.

O espaço além de (re) construir a sociedade, compreende também o sentido de como este é visto pelo indivíduo, por este ser carregado de conteúdos emocionais, significados, simbolismo comunitário e sentido histórico (MAIA, 2008). Como aponta Bonnemaison,

> O espaço social é produzido; o espaço cultural vivenciado. O primeiro é concebido em termos de organização e de produção; o segundo, em termos de significação e relação simbólica (in CORRÊA, 2002, p.104).

Para Lefebvre as dimensões do espaço, podem ser conceitualizadas como o espaço percepcionado de práticas materiais que com o passar do tempo são as práticas espaciais materializadas constituindo a paisagem (MAIA, 2008), e o espaço vivido ou de representações, ou seja, um espaço que se apresenta através de imagens e símbolos. Este último é repleto de particularidade, sobrepõe o espaço físico fazendo uso simbólico dos seus objetos e sinais. Assim, o espaço representa um valor neste contido, uma valorização cultural, pois de certo há tal dimensão.

> O espaço, impregnado de signos e pólos, é portador de sentido; a mensagem que aí se escreve em termos geossimbólicos reflete o peso do sonho, da crença dos homens e de sua busca por significados. Seria interessante colocar o mesmo olhar e as mesmas interrogações

> sobre o espaço de nossas próprias sociedades (BONNEMAISON in CORRÊA, 2002, p.131).

No bojo da discussão das marcas encontradas no espaço, destaca-se o conceito de paisagem-marca e paisagem-matriz proposto por Berque (1984, in HOLZER, 2004), uma vez que afirma ser a paisagem uma marca, pois exprime uma civilização e ser matriz pelo fato de participar de uma concepção, uma percepção, que canaliza um sentido, justamente a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza. A definição de paisagem-marca advém do sinônimo paisagem-produto como resultante da intervenção humana no meio ambiente e a paisagem-matriz como herança, produto das mentes (BERQUE in HOLZER, 2004).

Sobre a paisagem possuir uma marca, uma geo-grafia que é impressa pela sociedade no espaço, e ao mesmo tempo torna estas marcas matrizes, pois constituem-se condição para a existência e para a ação humana (BERQUE, 1998 in CASTRO, 2004), por outro determina este olhar, uma vez que o autor ainda pronuncia que a paisagem é plurimodal (passiva-ativa-potencial), como também é plurimodal o sujeito para qual a paisagem existe, ou seja, estes são integrados em um conjunto unitário que se autoproduz e se auto-reproduz (BERQUE, 1998 in CASTRO, 2004).

Deste modo, as marcas estão impregnadas ao espaço tijucano, e a dificuldade de ater apenas ao elemento luso são indescritíveis, uma vez que existe este fenômeno plurimodal. Tendo em vista tal indissociabilidade Santos (2008) afirma que “a paisagem é um conjunto de forma que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são as formas, mais a vida que as anima (SANTOS, 2002, p.103).

Então, o espaço urbano, que é a paisagem urbana, a dimensão da produção espacial, aquela que guarda momentos diversos do processo de produção espacial é vista como marca, e simultaneamente como matriz cultural atestado por Berque (1998) que justifica,

> A paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas é também uma matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura – que canalizam, em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto, a paisagem do seu ecúmeno (BERQUE, 1998 in MAIA, 2008, p.1227).

A expressão da paisagem como texto é apresentada como porção do ambiente o qual a paisagem é transformada. Este é um elemento importante na busca por identidades e territorialidades, pois esta paisagem é o elemento "revelador" do processo de reprodução social, em virtude de ser "um repositório de símbolos de classe social e de herança ética" (CORRÊA, 2003 in MAIA, 2008). Assim, através da paisagem podemos também identificar as identidades e territorialidades encontradas e expressas no espaço em tela.

A territorialidade é entendida e vista como interações cuja referência base é a capacidade de localizar-se e deslocar-se de cada indivíduo (SPOSITO, 2004 in MAIA, 2008).

A territorialidade presente neste imigrante vai revelar sua identidade, bem como a do lugar, o produto de um ponto de vista, que pode ser relacionado como "sentido do lugar" (BOSSÉ, 2004 in MAIA, 2008), que é exatamente o relacionamento entre identidade e territorialidade reproduzidos no espaço urbano por este ator.

> Com todo o desenvolvimento teórico e empírico pretendemos através da "leitura" da paisagem fazer uma "interpretação" dos símbolos expressos nessa paisagem. Para com isso mostrar como as identidades e as territorialidades destes migrantes são e estão expressos neste "novo" território e como elas influenciam a (re) produção do espaço urbano (MAIA, 2008, p.1232).

Quando são atribuídos valores a paisagem esta se transforma em espaço geográfico e diante da noção estabelecida por Santos (2008),

> De espaço como conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistema de ações podemos reconhecer suas categorias analíticas internas. Entre elas, estão a paisagem [...] o espaço produzido ou produtivo, as rugosidades e as formas-centeúdo (p.22).

Nesta acepção, os objetos, a temporalidade, a ação e os símbolos auxiliam o estudo e a percepção da proposta presença portuguesa no bairro em questão. É a partir destas marcas, destes símbolos estampados no bairro em tese que é plausível relacionar a presença portuguesa a este espaço. O espaço tijucano é relacionado a fixos, fluxos, objetos, símbolos e marcas, algumas destas têm na sua origem, no seu âmago uma obliqüidade portuguesa.

Para exercer esta identidade e para este objeto possuir um significado é necessário a manifestação de um fixo, um local físico, um espaço, uma casa que permita tal produção, esta manifestação do ser português na Tijuca. Para isto, um fixo social, assim estabelecido consiste em focar as diferentes funções exercidas por este fixo, assim este é uma construção do homem plena de centralidade que abrange e atrai pessoas (imigrantes). Portanto, uma casa, uma rua, os prédios são elementos urbanos, verdadeiros fixos sociais na expressão de Santos (1998 in RIBEIRO, 2005), pois abrigam memória e experiências humanas, marcando o espaço como expressão das relações sociais.

Referimo-nos por presença, o fato do sujeito estar e ser em algum lugar, no sentido de comparecimento, existência, da participação em determinada atividade, influência, sinonímia de aspecto e por fim marca.

Neste sentido, presença (FREITAS, 2006) no respectivo estudo, apontamos ser o aparecimento de elementos, objetos geográficos que denotam alusão, ou fazem referência a sua origem. Deste modo, caracteriza-se por presença o fazer-se representar de alguma maneira em um espaço que não o local de origem, características representativas e categóricas ao ponto de afirmar que determinada paisagem, ou examinado espaço esboça então uma presença, o revelar do elemento lusitano.

Neste sentido, o quantitativo necessário para estabelecer a chamada presença está altamente subjetivo, o que requer cuidados. Assim sendo, a

presença implica ainda em um grau de interferência necessário, de maneira que este aspecto não só exista, mas que principalmente exerça sua intervenção junto ao espaço adentrado, uma ingerência que advém das relações sociais, econômicas e afetuosas, uma observação interpretativa, porém necessária o suficiente para perceber diferenciação dos demais, a sua condição portuguesa.

Assim, no intuito de discorrer sobre esta presença elegemos alguns dos aspectos do passado, uma vez que as técnicas são marcas deixadas no espaço, e tais marcas permitem avaliar a temporalidade diante da referida técnica, a fim de estabelecer esta presença. A relação entre tempo e espaço realizada pelo homem gera um marca que é traduzida como técnica impregnada ao seu objeto denunciador, o espaço geográfico. Portanto, a relação entre mudança geográfica e mudança técnica é fundamental à luz da interpretação geográfica do espaço que simultaneamente as técnicas da vida social, as técnicas da energia, as técnicas da produção e da transformação das matérias-primas possibilitam uma interpretação equilibrada do espaço modulado pela ação do homem (SORRE, 1948, in SANTOS, 2008, p.35).

Este homem, que molda o espaço, é o imigrante português no exemplo das fábricas e propriedades diversas na Tijuca. Essa datação a qual se pretende alcançar objetiva identificar o momento de sua origem, da instalação das primeiras fábricas, estas que remetem ao primórdio da intervenção urbano/industrial no bairro, intervenção que é também em parte realizada por portugueses, já que interpretar as técnicas é um exercício que remete a um determinado momento histórico, (SANTOS, 2008), o momento histórico para a geografia. Entre estas fábricas a de maior destaque é a Souza Cruz & Cia, antiga fábrica de cigarros localizada na Usina, na Tijuca que foi fundada por Albino Souza Cruz, um emigrante português. Outrora, esta fábrica possuía o nome de Fábrica de Fumos e Rapé de Borel & Cia, provavelmente o embrião da Souza Cruz, segundo Neto (2004). Tal histórica então é associada ao nome do morro do Borel que tem sua origem a partir do nome da fábrica que por sua vez produzia um cigarro que estampava um pavão-real adotado como símbolo da futura agremiação Unidos da Tijuca, esta pertencente à mesma comunidade do Borel. O símbolo da agremiação

representa alusivamente o pavão que no passado estampava na carteira de cigarros da fábrica já citada, e o fato das cores azul e amarelo serem adotadas pela dinastia de Bragança que reinava em Portugal (1640-1910), e que reinou também no Império brasileiro (1822-1889), inspirou a Escola de samba a adotar as mesmas cores. A escola foi formada no intuito de prezar pelo fortalecimento dos traços de união da comunidade, e, sobretudo faz com que brasileiros e portugueses convivam sem distinção de raça, cor, nacionalidade e religião.

Porém, não só o passado é tido como forma de interpretação para a presença portuguesa, os elementos que outrora permitiram este levantamento, hoje dissiparam através do tempo e dos novos elementos que também precisam ser elencados, para que assim atualizemos a pesquisa na contemporaneidade.

Na cidade o comparecimento de instituições portuguesas é gigantesco, e tais instituições corroboram com a tese da portugalidade como enfatiza Costa (1998), e da lusitanidade na ótica de Evangelista (2008).

Diante das Casas portuguesas no Rio de Janeiro, mas precisamente no bairro em tela, podemos conferir tal representatividade ao bairro da Tijuca. Portanto, o bairro detém metade das Casas tradicionais portuguesas da cidade do Rio de Janeiro, assim sendo cada casa representa uma localidade em Portugal que se faz representar em solo carioca. Tal fato fortalece a idéia da presença no recorte espacial elencado, pois além do quantitativo favorável, as casas tradicionais, que traduzem recordação, cultura, que expõe sua representatividade como ser social e cultural que exerce também a manifestação dos laços de patriotismo regressos à terra de origem.

Nesta interpretação, a casa pode ser considerada um símbolo já que é centro de valores e sentidos, pela prática social do grupo, lugar que permite a ligação de ordem afetiva caracterizada pela unidade física, o locus de manifestação da identidade. Na visão de Souza (2007) as Casas Regionais qualificam-se como locais onde as práticas culturais da terra natal são revividas. Tais práticas são carregadas de representações geográficas no processo de construção identitária, tanto é que as Casas tradicionais apegam-se em referências espaciais e, sobretudo geográficas para se reproduzirem e adquirirem

significado e reconhecimento. Tal referência é extremamente oportuna, uma vez que o imigrante oriundo de uma determinada região que não tenha sua “terra” representada em uma casa portuguesa desperte neste à vontade, e ao mesmo tempo sua identidade mais singular de fazer-se notar também neste espaço.

Compete, além disso, relacionar as Casas portuguesas tijucanas às respectivas regiões, ou seja, o Norte, região responsável pelas grandes ondas emigratórias em Portugal, é a região que mais forneceu imigrantes lusitanos para o Brasil, a mesma também que detém maior representatividade nas Casas portuguesas na Tijuca.

Uma proposta e provocação para um bairro português.

Por fim, as Casas são o mais transparente aspecto da presença portuguesa na Tijuca. Ainda que decadentes economicamente, e nem sempre voltadas para a sociedade carioca em geral, tais instituições marcam a paisagem tijucana e destacam-se enquanto Casas tradicionais devido a sua elevada representatividade em um único bairro, o que denota um dado proeminente no quesito Casas portuguesas do Rio de Janeiro. O presente oferece grandes dificuldades de sobrevivência a todas estas e o futuro guarda um grande desafio. Este processo é justamente o combustível para pensar a proposta de um bairro português, como veremos. Por conseguinte, para tal revalorização, e conseqüentemente voltar-se ao resgate do elemento da marca portuguesa no bairro é válido de antemão ressaltar que a Tijuca não é um bairro típico português, mas tem marcas no espaço conforme visto anteriormente. A contribuição dos portugueses para o bairro é notória e relevante. As marcas referidas na presente monografia podem ser claramente observadas.

Assim, a Tijuca era área de expansão da cidade do Rio de Janeiro, e abrigava muitos empreendimentos industriais / urbanos , um verdadeiro “chamariz” para o trabalhador português, conhecido pela vitalidade e alta capacidade de produção. Tantas Casas portuguesas existentes no bairro em tela datam deste período (vide ano de fundação), justamente a fase de expansão do centro da

cidade para a Tijuca, de crescente desenvolvimento urbano, de celeiro de novos empreendimentos, local amplo e favorável a instalações industriais pela grande possibilidade de exploração dos recursos naturais.

Por fim, as evidências encontradas são inúmeras e a proposição de um bairro português ocorre como uma forma de provocação, uma atitude de olhar o bairro não mais pelo aspecto carioca e desprovido de intencionalidade, mas ater-se a partir de então ao elemento luso que marca a paisagem, que exerce papel central, que abandona o anonimato e passa a figurar no centro da paisagem tijucana, que pela força do nobre povo exalta a nação valente, o esplendor de português escrito no espaço.

A provocação pode ser justificada por ser fruto da interpretação do autor em perceber na falta de preocupação em preservação de patrimônio, sem valorização do passado, um fato extremamente preocupante. Será algo premeditado a origem portuguesa? Acreditemos sempre que não, de fato, não. Seria um movimento a não valorização e a dizer não a tudo que possa identificar o carioca senão as praias, a malandragem e esperteza juntamente com a hospitalidade e alegria da cidade do Rio de Janeiro? Atributos associados ao discurso hegemônico da cidade maravilhosa. Entretanto, é notória a problemática, o Rio de Janeiro não preserva a história tanto quanto lhe foi conferida.

Diante dos fatos, no desígnio único de perceber os valores e elementos espalhados pela cidade do Rio de Janeiro, há fatores impeditivos para tal encargo, que serão futuramente abordados. Estes são os mesmos que dificultam a composição de atribuir uma lusitanidade ou uma portugalidade.

A revalorização do centro é uma forma de recuperar a história esquecida da cidade, e conforme expresso anteriormente, não se trata de um movimento em recuperação do elemento português, este vêm a reboque na memória e no patrimônio da cidade.

Especificamente a favor da penumbra em que se encontra o elemento português na cidade, e no bairro da Tijuca, alguns pontos específicos tratam desta questão.

O português que foi mal visto pela sociedade carioca no início do século XX persistiu por algumas décadas até que tal xenofobia mudasse de “mira” ou até que esta questão fosse superada. Assim, ainda hoje pode ser notado este período de desentendimento e desavenças, pois os descendentes destes emigrantes não recuperariam mais a cultura, a vivência do ser português, uma geração inteira se escondeu e criou seus filhos e netos sob fora do ambiente das casas e instituições portuguesas para que não fossem incomodados ou alvos de piadas, críticas e preconceito. Estes são alguns fatos que dificultam a procura pelo elemento português no Rio de Janeiro, pois tais acontecimentos, tanto a xenofobia que existiu contra o português como a posterior e dominadora, mesmo nas épocas de desavenças, fácil integração deste emigrante na sociedade e cultura brasileira apóiam a tese das dificuldades encontradas para a elaboração deste trabalho.

Assim, o resgate é interpretado na exposição de elementos portugueses que possam contribuir para a confecção deste trabalho.

A Tijuca é então uma parcela do Rio de Janeiro que exala ferozmente a presença lusitana por todos os fatos apresentados anteriormente. Neste sentido, o português transformou, ocupou, modificou e, conseqüentemente, marcou o espaço tijucano. Os meios realizados pelos portugueses para marcar a paisagem, e assinalarem de vez sua passagem pelo bairro podem ser compreendidos nas reflexões de Berque (in HOLZER, 2004).

> sentido do meio” ou “mediância”, como o que é ao mesmo tempo físico e fenomenal, ecológico e simbólico, uma intervenção de significações simbólicas, interpretações subjetivas e da tendência de evolução do objeto do meio (p.59).
>
> Mediância é então definida como: “sentido de um meio, ao mesmo tempo tendência objetiva, sensação/percepção e significação desta relação medial...(p.59).

Sendo então o meio a relação de uma sociedade com o espaço,

> a mediância que considera as realidades intrínsecas e factuais, o meio então ignora as substâncias intrínsecas e as identidades próprias, ele só conhece os fluxos de relações, que ligam indissociavelmente os sujeitos aos objetos, e vice e versa" (BERQUE, 1990, p.40 in HOLZER, 2004, P.59).

> O ambiente (environnement) e a paisagem aparecem então, respectivamente, como a dimensão física e factual do meio e a dimensão sensível e simbólica do meio. A paisagem é a expressão de uma mediância (BERQUE, 1990, P.48, in HOLZER, 2004, p.60).

Por fim, a interpretação da paisagem na Tijuca pode ser analisada de forma subjetiva, como toda e qualquer paisagem, porém o fato de valorizar e perceber com mais exatidão o elemento português é uma tendência altamente subjetiva. É o exercício proposto: Ter um olhar preocupado em notar os elementos lusitanos marcados na paisagem, que imediatamente transmitem um significado a quem os compreende.

Se o meio, o espaço continua a ignorar as identidades, as particularidades, cabe então a mediância, que irá resgatar tais informações, pois é da sua natureza considerar o intrínseco, na Tijuca, o português.

Não há conclusão, a única afirmação verdadeira está nas palavras do poeta, que nos remete a pensar no porque de estudar a presença deste povo apenas em um bairro, pois "um português que é só português não é português" (Fernando Pessoa) então, olhai-vos o português na Tijuca.

Referências.

CASTRO, D. G. Significados do conceito de paisagem: Um debate através da epistemologia da geografia. Trabalho relacionado a dissertação de mestrado do autor, 2004.

CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z. Geografia Cultural: Um século (3). Série Geografia Cultural. Ed UERJ, Rio de Janeiro, 2002.

COSTA, A. G. O homem português e o Brasil. Editora Nórdica Ltda. Rio de Janeiro, 1998.

EVANGELISTA, H. A. Rio de Janeiro, uma cidade portuguesa, com certeza: Uma proposta para manter a característica lusitana da cidade. Ed. e-papers, Rio de Janeiro, 2008.

FREITAS, S. M. Presença Portuguesa em São Paulo. Imprensa Oficial. São Paulo, 2006.

HOLZER, W. Augustin Berque: Um trajeto pela paisagem. Revista Espaço e Cultura. UERJ, n°17-18, p.55-63, Jan/Dez, 2004.

HOUAISS, Dicionário da Língua Portuguesa. Editora Objetiva Ltda. Rio de Janeiro, 2009.

MAIA, A. C. Discutindo conceitos e metodologias: Paisagens, textos e produção do espaço migrante. 1° SIMPGEO/SP, Rio Claro, 2008.

NETO, P. C. O. A pura cadência da Tijuca: Estudo sobre a organização social através da bateria do Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos da Tijuca. Revista Habitus. IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.21-30 mar. 2004.

RIBEIRO, M. A. Categorias analíticas do espaço e turismo: O exemplo da Fortaleza de Santa Cruz, Niterói/RJ, 2005.

SANTOS, A. M; LEITE, M. P; FRANCA. N et al. Quando memória e história se entrelaçam: a trama dos espaços na Grande Tijuca. Rio de Janeiro: IBASE, 2003.

SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4 ª edição. 4ª reimpr. Edusp, São Paulo, 2008.

SOUZA, R. R. Imigração portuguesa, identidade e representação geográfica: O lugar da casa regional no movimento associativo luso-brasileiro. Revista Espaço e Cultura. UERJ, n°22, p.54-66, Jan/Dez, 2007.